**Mulheres em frente ao espelho;/: novas virilidades**

“A dama diante do espelho”

*"A mon grand ami Auguste Rodin"*

Como em embriagante especiaria  
desata sem ruído na fluidez clara  
do espelho seus fatigados gestos;

e introduz ali seu sorriso.  
E aguarda até que de tudo isso ascenda  
o líquido; depois coloca o cabelo  
no espelho e, levantando os ombros  
maravilhosos do traje de noite  
bebe calada de sua imagen. Bebe  
o que uma amante em êxtase bebesse  
inquirindo desconfiada, y faz  
uma psicadela a sua donzela, se ve luzes  
sobre o fundo do espelho, roupeiros,  
e o turvo de uma hora tresnoitada

Rainer María Rilke, París, 1907

No início desta investigação, nossas conversações apontaram na direção de precisar que articulações poderíamos estabelecer entre as mulheres e as novas virilidades. O equívoco surgido a partir da pontuação da frase nos levou a termos de nos arranjar com pelo menos duas possibilidades: 1- as novas virilidades como um modo de ser das mulheres contemporâneas, no qual o viril adquire, ao nível do semblante, uma consistência superlativa. É no *Seminário 19* que Lacan afirma que o verdadeiramente viril está do lado da mulher; 2- as novas virilidades como modo de resposta, do lado masculino, às mudanças produzidas na posição das mulheres. Para avançar exploramos como se posicionam hoje as mulheres a respeito do amor, do desejo e do gozo, tentando extrair consequências disso.

Em nosso percurso, nos orientamos a partir da exploração de dois eixos fundamentais na clínica: o narcisismo e a função do semblante.

**I.- O corpo do estádio do espelho**

Começamos nossa investigação seguindo os desenvolvimentos sucessivos de Lacan sobre o estádio do espelho, como um momento estruturante da constituição subjetiva. A “assunção” da imagem de si (imagem narcisista) que deixa como saldo uma identificação, é índice da operação de amarração entre os três registros, amarração que possibilita ao *parlêtre* contar com um corpo que se sustente, que não se vá. A perda de gozo que se produz aí, lida como castração, é condição para que a imagem possa dar ao corpo fragmentado uma unidade.

Se trata de um momento paradoxal porquanto é através dessa assunção imaginária que o sujeito fica alienado no Outro. A partir desse momento, a imagem que o representa (imagem significantizada) o incluirá em um laço como Outro que, por um lado, lhe permitirá reconhecer-se como um a mais da série, nas vias da identificação, entretanto ao mesmo tempo, o afastará deste laço, nos indicando aquilo que não entra no espelho e que constituirá o suporte da sua singularidade.

Serão os avatares desse momento estruturante que veremos desdobrarem-se mais adiante na história de cada *parlêtre*, diante dos acontecimentos contingentes de sua existência, nos quais se manifesta o falido de cada amarração produzida.

**II.-Sobre o narcisismo na mulher.**

Para entrarmos no tema, partimos do fato de que não há simetria entre homens e mulheres a respeito da imagem. Segundo Freud, o apego que as mulheres manifestam pela própria imagem dá conta do valor fálico que adquire para elas a imagem do corpo como suplência de seu não ter. Ao ponto que poderíamos afirmar que a mulher e o espelho formam um par, fato que não se concebe do mesmo modo do lado masculino. Podemos derivar dessa premissa a afirmação de que as mulheres são mais narcísicas que os homens? Lacan rechaça a ficção deste narcisismo suposto feminino, mostrando que não possui nada de primário, ao introduzir o conceito de narcisismo do desejo[[1]](#endnote-1). Eric Laurent precisa esta questão. Disse Laurent: “O particular da posição feminina é mais bem o narcisismo do desejo, que poderíamos entender como amor ao desejo, ou ainda, como uma forma do desejo de desejo, que vem marcar a saída feminina no lugar do falo”.[[2]](#endnote-2) Considera que este amor da falta que se manifesta na mulher constitui um narcisismo paradoxal, porque “o sujeito (feminino) se aferra ao narcisismo do Eu de maneira secundaria[[3]](#endnote-3)”. Vale dizer que para a mulher o que está em primeiro plano é o desejo do Outro, sua falta. Laurent afirma que sob “essa imago da mulher narcisista, (...), se esconde, se oculta, uma relação especial com a falta, em que as mulheres podem amar apaixonadamente o nada”[[4]](#endnote-4), via que conduz a pensar o gozo da privação, antecedente no ensino de Lacan do gozo feminino. Enquanto no homem há a conjunção do gozo e da satisfação narcísica, o gozo feminino excede a mulher, não a identifica, sustentará Lacan. Ela se esforça, então, em identificar-se através do amor de um homem, via o desejo de um homem. Isso é o narcisismo do desejo.

Quanto ao amor, Lacan disse que para as mulheres surge no lugar do que não há, ou seja, como suplência do vazio. Por isso, a perda de amor é vivida por elas como ameaça de castração.

**III. – Da identificação viril como condição para ter um corpo.**

Em “Intervenção sobre a transferência”, Lacan concebe à histeria como uma falta de identificação narcisista, uma sorte de estádio do espelho inacabado. Por não poder realizar uma assunção de seu próprio corpo – dirá Lacan – a histérica “permanece aberta à fragmentação funcional que constitui os sintomas de conversão”.[[5]](#endnote-5) Ou seja, no registro do corpo, as manifestações histéricas se ordenam em torno do fato de ficar enfrentada à hiância da impossibilidade de ter um corpo[[6]](#endnote-6). Miller assinala que ao não poder tomar corpo a partir da imagem de si, deve buscar na realidade outro capaz de dar-lhe corpo. Nesse vetor que a dirige em direção à outra mulher, a histérica necessita fazer um rodeio pelo outro imaginário, o qual sustenta seu Eu, porém sem poder gozar disso. Vale dizer que a falta de identificação narcisística não se remedia. Há um desejo em jogo – disse Miller – que é o deste outro masculino. Um desejo em jogo, mas equivocado.[[7]](#endnote-7) Recordemos que a essa altura Lacan pensa uma falta de identificação como correlativa a uma falta de gozo, pois este está situado no registro imaginário.

Posteriormente, em “De uma questão preliminar...”[[8]](#endnote-8), fará intervir o conceito de falo imaginário no estádio do espelho para pensar a falta de identificação na psicose. Com a introdução do falo poderá abordar a problemática da diferença sexual em relação à imagem e desenvolver uma clínica do falo. Tal como a esboça em seu texto “A significação do falo”[[9]](#endnote-9), essa clínica se ordenará retomando o que até ali era identificação imaginária, narcisista, como identificação fálica. A sexuação será concebida em termos de ser ou ter o falo. Até aqui não se concebe outro gozo que o fálico, todavia Lacan já se pergunta nessa época “se a mediação fálica é capaz de drenar todo o pulsional na mulher”[[10]](#endnote-10), ponto em que será necessário a Lacan contar com a categoria do objeto *a*.

**IV.- A consistência do imaginário corporal: do reino do pai ao império das imagens.**

Como observa F. Vitale em seu texto publicado na página do VII ENAPOL[[11]](#endnote-11), “... em nossa clínica encontramos uma dificuldade crescente na amarração do imaginário corporal”. Entendemos isso como a afirmação de um fato clínico: algo mudou em relação ao modo em que as mulheres armam seu corpo.

A hipótese clássica desenvolvida por Lacan é a de que as mulheres armam seu corpo pela via da identificação ao falo, que supõe o amor ao pai. Nesta perspectiva, se situa a possibilidade de contar com uma mascarada, um semblante, como véu da castração. Essa função, fundamental no jogo amoroso, permite a uma mulher encarnar um objeto de desejo para o homem, protegendo-se de ficar exposta como objeto de gozo. Não obstante sua função, Eric Laurent assinala que essa organização do sintoma histérico em torno do amor ao pai é o que mantem o seu corpo sempre a ponto de se desfazer[[12]](#endnote-12).

No *Seminário 24*, a partir de uma perspectiva nodal, Lacan reformula topologicamente a função da passagem pelo pai para a armação do corpo na histeria. A armadura do amor ao pai é ali o *sinthoma,* o quarto que amarra os registros. Entretanto nesses anos também introduz pistas a respeito de outras possibilidades de amarração sem o pai, seja porque a função do desejo da mãe venha substituir a função do pai (“o nomear para”, do *Seminário 21*), ou porque, simplesmente, se prescinde dessa passagem. As investigações sobre a denominada histeria rígida que Lacan menciona no *Seminário 23* introduz essa perspectiva que prescinde do amor ao pai como resposta frente ao traumático do gozo. Trata-se de sujeitos que se viram sozinhos diante do encontro com o gozo, inventando suas próprias respostas, nas quais o real do sintoma não se apresenta envolvido na prótese do sentido fálico, como nas histéricas tradicionais. Esses sujeitos parecem saber de antemão que o pai não irá responder ao seu chamado e por isso nem sequer tentam. São elas que denunciam a inoperância do pai na atualidade, confirmando que nos encontramos fora do reino do pai para tratar o gozo.

Nesses casos, que não se servem do pai como nome capaz de responder ao mudo do gozo fálico[[13]](#endnote-13), encontramos um imaginário corporal com muitas dificuldades para a armação da mascarada, casos que chegam inclusive até a impossibilidade da constituição de identificações fálicas propriamente ditas. São subjetividades que não alcançam uma posição sexuada – seja a nível de ser o falo ou de tê-lo – para enfrentar o encontro sexual. Entretanto – sob condição de não pensá-las a partir de uma perspectiva deficitária, nos encontramos com outros tipos de saídas diante dos impasses da sexuação e dos laços sociais, que põem em primeiro plano o acontecimento de corpo e a ausência de relação sexual.

**V- Perspectivas a investigar.**

Tentar explorar como se constitui o corpo para uma mulher foi a bússola que orientou o nosso trabalho. Consideramos que o sintagma “Mulheres diante do espelho; novas virilidades” nos abriu perspectivas diferentes de investigação a respeito da relação existente entre a reformulação da prática, à luz do último ensino de Lacan, e das reconfigurações da clínica, tal como esta se apresenta na atualidade. Sem chegar a explorar todas, registramos aqui algumas delas.

1- Em primeiro lugar, a perspectiva de uma leitura renovada do estádio do espelho, para tratar de localizar como funciona o narcisismo a partir das mudanças operados na estrutura do Outro e, portanto, em sua função. Quanto a este ponto, M-H Brousse nos orienta. Ela sustenta que a ciência mudou a relação que temos com nosso corpo como imagem global e como organismo desconhecido. E nos propõe a pensar essa mudança considerando que, por meio da ciência, o Eu ideal irá substituindo mais e mais o Ideal do Eu. O Eu ideal passa, dessa forma, a funcionar como imagem do corpo um pouco cortada do Outro da palavra.[[14]](#endnote-14)

A partir dessa hipótese de leitura, nos perguntamos: Como se produz então a articulação entre a imagem e o corpo, quando a função da linguagem, que Lacan situa no esquema ótico como a que produz a ilusão de véu, permitindo alojar o gozo na imagem, já não está tão evidente? Talvez o sintagma “mulheres diante do espelho” tenta nomear a busca de identidade de um sujeito diretamente por meio da imagem, na via do Eu ideal e sem a distância que possibilita o ideal do Eu como lugar a partir do qual se olha? É possível apreciar essa falta de distância em alguns testemunhos da clínica, em relação com uma prática frequente entre os adolescentes que consiste em tirar autofotos, chamadas *selfies,* nas quais são colocadas na *web*, como testemunhos da fascinação produzida pela imagem em direção do estabelecimento de uma identidade. À diferença da identificação simbólica, que se apoia em um traço e permite a mobilidade, esse procedimento aponta à construção de uma identidade fixa a partir de uma incessante repetição que busca capturar a imagem perfeita, tentando anular toda hiância na representação especular. Uma forma a mais de renegação do real? “É como **se** olhar no espelho todo o tempo”, disse uma adolescente, testemunhando sobre a mudança de estatuto da imagem, que para além de funcionar como tela, véu diante do que não se pode ver, parece revelar o achatamento ao qual está submetida uma subjetividade que não pôde constituir eficazmente uma distância operativa frente à própria imagem, reduzindo-se a pura imagem. É aqui que o analista é convocado a reestabelecer a esquize entre o campo escópico e o campo da visão, para poder dar lugar, nessa hiância, ao gozo em jogo, capaz de devolver ao *parlêtre* o relevo perdido de sua singularidade. Apontando no sentido inverso à lógica especular da boa forma sobre a qual se assenta o anseio da civilização tecno-científica, a operação analítica confronta o *parlêtre* com o que não tem conserto, para dar lugar assim às soluções de cada um.

2- Outra perspectiva que nos interrogou, partiu de uma citação de Lacan sobre o semblante, no *Seminário 18.* Lacan afirma que nas relações entre o homem e a mulher estamos localizados de entrada na dimensão do semblante, que o comportamento sexual humano se diferencia do animal no fato de que o semblante humano se veicula em um discurso e que apenas nesse nível de discurso (dito comportamento) *é levado na direção de um efeito que não seria de semblante.* Exemplifica o fato de que, a diferença da excelente cortesia animal, ocorre que os homens violam as mulheres ou ao inverso. Lacan assinala que nos limites do discurso, ou seja, do semblante, há de tempos em tempos o real. E chama isso de passagem ao ato.[[15]](#endnote-15)

Nesta perspectiva, tentamos pensar as diversas manifestações sintomáticas da clínica contemporânea nas coordenadas do que seria uma *clínica do espelho por fora do semblante*, vale dizer, a partir da entrada em ato, sem véu, da falha mesma do espelho. Desse modo, as intervenções no corpo, os cortes, as operações, assim como a busca incessante de uma satisfação corporal sem mediação do amor, podem ser concebidas como modalidades de tratamento do gozo que não passam pelo semblante, que ignoram a consistência de um corpo organizado pela mirada do Outro, para elevá-lo à condição de objeto de gozo, fetiche generalizado, verificando assim a existência desse efeito que chamamos, com Lacan, passagem ao real. Temos assim que as histéricas do século XXI já não necessitam mais do homem para se aproximarem do feminino. M-H Brousse assinala[[16]](#endnote-16) que em vez do rodeio pela identificação viril, que implicava o sustento do pai impotente como paradigma histérico por excelência na época de Freud, nos encontramos hoje com uma progressão de atuações homossexuais na histeria, que respondem mais a essa perspectiva que estudamos de uma clínica do espelho por fora do semblante.

3- O último ponto se relaciona com localizar a singularidade das novas respostas que os sujeitos inventam sozinhos, mais próximos do furo do S (A) barrado, no lugar mesmo que antes imperava o ideal como semblante capaz de ordenar o campo da experiência subjetiva. Como se ordenam hoje as subjetividades que não buscam essa referência para responder pelo traumatismo do gozo? Qual é a aposta da psicanálise diante dessas subjetividades marcadas pelos rastros da declinação do Nome-do-pai, que deve navegar em um mundo povoado de imagens que não chegam a localizar o gozo, nem servem como referências estáveis para se construir um corpo?

Uma indicação de F. Vitale nos colocou no caminho desta pergunta: “Diante disso ganha importância não esquecer que ao final de seu ensino Lacan interroga de maneira renovada o registro do imaginário propondo que diante do sem limite do empuxo ao gozo que habita em cada um, o único real não é dado pelo Nome-do-Pai, e sim a maneira pela qual cada corpo encontra para manter amarradas as três consistências[[17]](#endnote-17)”.

Para abordar essa perspectiva, nos foi necessário estabelecer a diferença entre esse corpo que o pai permite armar e o corpo que uma análise possibilitaria construir. No *Seminário 23,* Lacan toma o exemplo de Joyce para nos indicar a via de constituição de um corpo que contém um tipo especial de narcisismo distinto do especular. Neste seminário, Lacan parecia nos indicar que o amor ao próprio corpo se erige, em um nível anterior à constituição do narcisismo especular, como suporte da armação de um corpo.[[18]](#endnote-18)Trata-se do amor ao próprio corpo, não do amor à imagem. Nesta perspectiva – que certamente será explorada no próximo Congresso da AMP 2016 – a consistência do corpo teria a ver com a possibilidade de produzir uma amarração entre os registros a partir do amor ao próprio corpo, que implica pertença, propriedade e não identificação.

Interrogados sobre o que seria este “amor próprio”, encontramos em Lacan, no *Seminário da Angústia,* a indicação de que não todo o investimento libidinal narcisista é transferido ao objeto como imagem[[19]](#endnote-19). Essa parte que não entra no imaginário especular – disse Lacan – permanece a nível do corpo próprio como *reserva operatória*. Localiza ali esse resto que funciona impedindo que o *parlêtre* fique capturado pela imagem, pois possibilita que o que se recorta se converta em referência e suporte da função da causa. Àluz do último ensino, esse conceito de *reserva operatória* nos interrogou de uma maneira nova. Como situar o próprio corpo, neste momento do ensino, já que não é ainda pelas marcas das experiências de gozo que conduzem Lacan a conceber o *sinthome*, mas somente podendo localizá-las em relação ao objeto *a*? Podemos afirmar, então, que a altura do *Seminário 10*, este investimento libidinal que não passa pelo espelho e se localiza no objeto *a* é o que dará suporte à ideia do outro narcisismo que Lacan trabalha no *Seminário 23*, sustentado não pela imagem especular e sim pelo amor a Um-corpo? Em todo esse trajeto, foi mudando para Lacan a forma de conceber o corpo. O modelo do corpo já não é a esfera e sim o Toro, no qual a partir dos furos se constitui uma estrutura topológica diferente, que conduz também a uma nova concepção de imaginário.

“Este novo corpo invólucro (tórico) destrona, por assim dizer, a referência e o modelo que representava a imagem especular, em épocas precedentes do ensino (de Lacan)[[20]](#endnote-20)” e nos convida a trabalhar, em cada análise, em direção à localização daquelas imagens que não são derivadas do espelho e sim oriundas da história singular do *parlêtre*, restos das análises produzidos a partir das marcas que foram deixando as experiências de gozo singulares, traços com os quais cada *parlêtre* deverá saber fazer para construir seu *sinthome.* Desse modo, ao final da análise, fixar-se no próprio sintoma, fazer-se com o sintoma que cada um é, terá como resultado outra consistência para o *parlêtre,* uma consistência real.

Paula Vallejo

*Tradução: Silvina Molina*

Integrantes do grupo “Mulheres diante do espelho; novas virilidades”:

Laura Arroyo, Mónica Boada, Camilo Cazalla, Verónica Escudero, Adriana Etchegoin, Cecilia Fasano, Marisol Gutierrez, Paula Lagunas, Laura Petrosino.

1. Lacan, Jacques. “Ideas directivas para un congreso sobre sexualidad femenina”. En: *Escritos 2*, Siglo XXI, Paidós, Buenos Aires, p. 712 [↑](#endnote-ref-1)
2. [↑](#endnote-ref-2)
3. 2 Laurent, Eric. *Posiciones femeninas del ser.* Tres Haches, Buenos Aires, 1999, p. 112.

   3 *Ibid*

   4 *Ibid.*

   5 Lacan, Jacques. “Intervención sobre la transferencia”. En: *Escritos 1,* Siglo XXI, Buenos Aires, 1985, pag. 210.

   6 Laurent, Eric. *Usos actuales de la clínica*, p. 36

   7 Miller, J-A. *La naturaleza de los semblantes.* Paidós, Buenos Aires, 2008, pag 236.

   8 Lacan, Jacques. “De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis”. En: *Escritos 2,* XXI, Buenos Aires, 1985.

   9 Lacan, Jacques. “La significación del falo”. En: *Escritos 2,* XXI, Buenos Aires, 1985.

   10 Lacan, Jacques. “Ideas directivas para un congreso sobre la sexualidad femenina”. En: *Escritos 2,* XXI, Buenos Aires, 1985, pag. 709.

   11 Vitale, Fernando. “*Impossible is nothing* o la enigmática sonrisa del gato de Chesire”. En: página del VII Enapol, [www.osimperiodasimagens/br/es](http://www.osimperiodasimagens/br/es)

   12 Laurent, Eric. Argumento del VI Enapol. En: *Hablar con el cuerpo*. Volumen del VI Enapol. Ed. Grama, Buenos Aires, 2014.

   13 Lacan introduz no *Seminário 18* um novo estatuto do falo. Disse Lacan: “se há algo que caracteriza o falo, não é ser o significante da falta, como alguns acreditaram poder entender em certas palavras minhas, senão precisamente aquilo que nao saí nenhuma palavra. Mais adiante acrescenta: Se o que se nomeia pai, o Nome-do-Pai, é um nome que possui uma eficácia, é precisamente porque alguém se levanta para responder” (p.161). Não é, então, que não opere o Nome-do-Pai na estrutura, e sim que não se produz o chamado do sujeito ao pai vivo, e, por conseguinte, não se habilita sua função de pai do nome, função do pai capaz de responder com sentido ao encontro traumático com o gozo fálico, mudo.

   14 Brousse, M-H. “Cuerpos lacanianos: novedades contemporáneas sobre el estadio del espejo”. Conferencia pronunciada en Granada. En: http://www.radiolacan.com/es/topic/180/4

   15 Lacan, Jacques. *El seminario. Libro 18. De un discurso que no fuera del semblante.* Paidós, Buenos Aires, 2009, pags. 31-32.

   16 Entrevista a M-H Brousse en 2013: http://www.psicoanalisisinedito.com/2014/05/marie-helene-brousse-entrevista-sobre.html

   17 Vitale, Fernando. “*Impossible is nothing* o la enigmática sonrisa del gato de Chesire”. En: página del VII Enapol, http://[www.osimperiodasimagens/br/es](http://www.osimperiodasimagens/br/es)

   18 Avarez, Patricio. “Escabel”. En: http://www.revconsecuencias.com.ar/ediciones/015/template.php?file=arts/Alcances/Escabel.html

   19 Lacan, Jacques. *Seminario 10, La Angustia.* Paidós, Buenos Aires, 2006, pag. 49.

   20 Rodriguez, Gabriela. “El escabel y la esfera. De la aversión de Lacan por la esfera y el uso del escabel”. En:

   http://www.revconsecuencias.com.ar/ediciones/015/template.php?file=arts/Alcances/El-escabel-y-la-esfera.html [↑](#endnote-ref-3)
4. [↑](#endnote-ref-4)
5. [↑](#endnote-ref-5)
6. [↑](#endnote-ref-6)
7. [↑](#endnote-ref-7)
8. [↑](#endnote-ref-8)
9. [↑](#endnote-ref-9)
10. [↑](#endnote-ref-10)
11. [↑](#endnote-ref-11)
12. [↑](#endnote-ref-12)
13. [↑](#endnote-ref-13)
14. [↑](#endnote-ref-14)
15. [↑](#endnote-ref-15)
16. [↑](#endnote-ref-16)
17. [↑](#endnote-ref-17)
18. [↑](#endnote-ref-18)
19. [↑](#endnote-ref-19)
20. [↑](#endnote-ref-20)